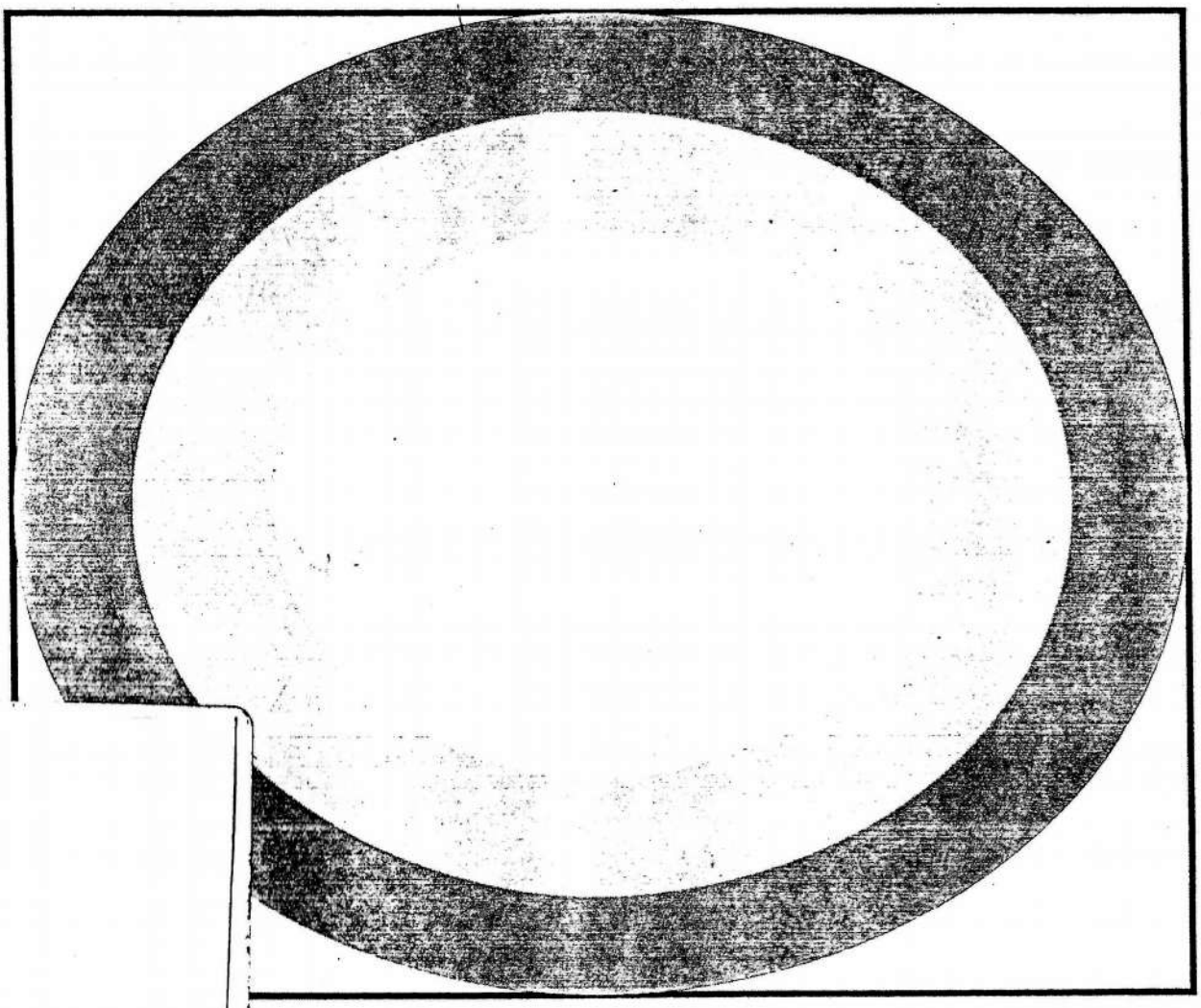
Batista de Lima

A Literatura Cearense e a Cultura das Antologias



EDIÇÕE
DEZESSET
E TRINT

A Literatura Cearense e a Cultura das Antologias

Batista de Lima

Fortaleza - Ceará

Universidade de Fortaleza

Ficha catalográfica

Lima, José Batista de
L732p A Literatura Cearense e a Cultura das Antologias/ José Batista de Lima.- Fortaleza: Edições Dezessete e Trinta, 1999.
48 p.

1. Literatura Cearense - Ensaios I. Título

Editoração
Capa: Márcio Regis Fernandes

Edições Dezessete e Trinta
Núcleo de Pesquisas em Ciências Humanas
Fundação Edson Queiroz
Av. Washington Soares, 1321
Bairro Edson Queiroz
Tel.: (085) 273.2833 – Fax: (085) 273.1667
CEP.: 60.811-341 – Fortaleza-Ceará

Sumário

1. A literatura cearense e a cultura das antologias 5
2. Carta de Sânzio de Azevedo 24
3. O Itinerário do Efebo no Bom-Crioulo 31
4. As características da escritura de Moreira Campos 43

1. A literatura cearense e a cultura das antologias

Antologia, do grego "anthología", significa "coleção de trechos em prosa e /ou em verso; analecto, crestomatia, florilégio, espicilégio, seleta, parnaso[1]",coletânea etc.

Uma antologia pode encerrar os melhores textos de um mesmo autor ou os melhores textos de vários autores. Neste nosso trabalho, trataremos das antologias cearenses, que são coletâneas de textos escolhidos de vários autores. Para isso, vasculhamos, na nossa história literária, as antologias mais significativas pois mais abrangentes por não se vincularem a setores determinados de nossa vida intelectual. Antes, porém, é necessário se analisar a incidência de numerosas dessas coletâneas na Literatura Cearense. Por que temos tantas antologias?

Essa pergunta nos remete à questão editorial, mais precisamente à dificuldade que o autor cearense sozinho tem de editar e distribuir seus trabalhos. Para superar essa dificuldade, ele se agrupa, daí termos uma "literatura de mutirão[2]". Como produto primeiro desse grupo aparece a antologia , e então *se* constata que não há um autor cearense de relevo que não conste em pelo menos uma antologia.

A primeira antologia da Literatura Cearense é de 1922 e denomina-se **A poesia cearense no centenário**, organizada por Salles Campos e impressa na Tipografia Moderna, de F. Carneiro, que ficava à Rua Barão do Rio Branco, 130. Logo de início, há um agradecimento "ao Dr. Justiniano de Serpa, egrégio Presidente do Estado, sob cujos auspícios foi publicado este livro" [3]. Logo em seguida, mesmo

o livro sendo todo de poesias, é oferecido à memória de nosso prosador maior, José de Alencar. Não há prefácio, apresentação, posfácio ou nota explicativa que esclareça ao leitor, os critérios utilizados para a escolha dos autores e seus textos. Também não há índice nem dado algum sobre a bibliografia dos autores. É uma antologia de poemas onde aparece o retrato do poeta e alguns de seus textos. O fato de ter sua publicação chancelada pelo governo estadual é que provocou o aparecimento da **Antologia dos novos,** na mesma época. A maioria dos poemas são sonetos parnasianos com nítidas preocupações formais em detrimento de outras qualidades literárias. É bem verdade que há momentos de exuberante poesia nos textos de José Albano. Ali, nada se perde. Seus sonetos só têm igual parelha, no livro, quando aparece o Pe. Antônio Tomás. São esses dois autores que encarnam a culminância do volume. O Pe. Antônio Tomás aparece com "Contraste" e "Verso e reverso", entre outros. Mas esses dois citados sonetos não podem faltar em qualquer antologia da poesia brasileira. É o mesmo caso de "Ode à Língua Portuguesa", de José Albano. Há também outros poemas que nos chamam a atenção pelo seu valor literário: "O rio", de Clóvis Monteiro; "Teia de aranha" , de Epiphânio Leite; "Carro de bois", de Otacílio de Azevedo; "Encontro das águas", de Quintino Cunha. Há um momento atípico nessa antologia, que fica por conta de Juvenal Galeno, que não apresenta nenhum soneto mas se destaca com suas redondilhas, verdadeiras baladas românticas em seus grandiosos poemas: "A jangada", "Cajueiro pequenino" e "Mistério do Mar". É o que há de mais singelo na Literatura Cearense até hoje.

No mais, aparecem: Antônio Sales, Alfredo de Castro,

Antônio de Castro, Antônio Furtado, Beni Carvalho, Cruz Filho (também bom sonetista), Clóvis Monteiro, Carlos Gondim, Irineu Filho, Júlio Maciel, Leão de Vasconcelos, Mário Linhares (com bons sonetos), Rodolpho Theóphilo, Rodrigues de Andrade, Soares Bulcão, Saboya Ribeiro e Salles Campos. Aliás, esses quatro últimos de quem pouco se aproveita, poderiam perfeitamente ser substituídos por Jáder de Carvalho que, mesmo iniciante, na época, já mostrava consistência poética na **Antologia dos novos.**

A segunda antologia a aparecer na nossa literatura chama-se **Os novos do Ceará, no primeiro centenário da independência do Brasil.** Publicada em 1922, é uma coletânea, em prosa e verso, organizada por Aldo Prado. Tem como editor Ramalho Coelho, tendo sido confeccionada pela Tipografia Comercial, à época, instalada na Praça José de Alencar, nº 104. Aparecem nessa antologia, os poetas Jáder de Carvalho, Sobreira Filho, Aristóteles Bezerra, Ramalho Coelho, Eva de Oliveira Paiva, B. Pontes e Edigar de Alencar. Também estão presentes os prosadores Hélio Caracas , Josaphat Linhares, Aldo Prado, Raimundo de Menezes, José J. de Oliveira Paiva, M. Picanço Filho e Elias Mallman.

No prefácio, o organizador reclama da falta de apoio oficial para o empreendimento, e da companha injusta que alguns medalhões da literatura da época faziam contra a iniciação na literatura, de novos valores. Ao final, ele ainda protesta contra " os literatos forjados na caldeira da adulação e do protecionismo oficial"[4] para dizer que os novos estão desajudados e sozinhos. Logo em seguida, num tom ainda mais forte, Aldo Prado descarrega sua ira contra o que chama de "medalhões", "nulos compenetrados", "intelectuais de

igrejinha", "semideuses", "espertalhões", "turba ignara e fofa" e "cabotinos" da Literatura Cearense. Ao final, convoca os novos, dizendo: " Cabe tão somente aos rapazes de mérito expurgar do pequeno mundo intelectual cearense, o grupo indecoroso e indesejável dos charlatães, dos embusteiros, que são a vergonha dos tempos que correm"[5]. Nessa antologia, os poemas são na sua maioria sonetos, onde se destaca mais a preocupação com a forma sem novidades outras que impressionem literariamente. Quanto aos textos em prosa, há dos mais variados tipos: são contos, pequenos ensaios e algumas crônicas com tom doutrinário. Há que se destacarem no geral, alguns poemas de Jáder de Carvalho, um texto de Raimundo de Menezes sobre João do Rio e principalmente o texto de uma palestra de Elias Mallman proferida na Academia dos Novos e que traz o título de "A poesia: lenitivo do coração humano". Em suma, o curioso dessa antologia fica por conta mesmo do prefácio de Aldo Prado.

A terceira antologia surgida na Literatura Cearense intitula-se **Sonetos cearenses,** e foi organizada por Hugo Vítor, sendo editada pela Imprensa Oficial do Ceará, em 1938. Como o próprio título já anuncia, é uma antologia só de sonetos, e cada autor aparece apenas com um texto encimado por uma fotografia. Do outro lado da página, uma "notícia" onde aparecem os dados bibliográficos do escritor. São cem poetas, ocupando, cada um, duas páginas, numa conveniência tão comportada e compacta que coincide perfeitamente com os textos apresentados, todos com dois quartetos e dois tercetos etc...

Há algumas curiosidades nessa seleta. É que o poema escolhido para representar o autor nem sempre é o melhor.

Por exemplo: Pe. Antônio Tomaz aparece com o soneto "Invictus", enquanto o leitor comum preferiria ver ali "Contraste" ou "Verso e reverso". Não há um índice para favorecer o manuseio da obra. Além de que, entre cem sonetistas cearenses, em 1938, é de se prever o aparecimento de alguns cujo texto não possui qualidades literárias. Há também o fato de aparecer Martins Filho com seu soneto "Estrada suave", e ser, talvez, no momento, o único autor vivo, componente daquela antologia.

Podemos contar como ponto positivo a presença de alguns poetas do interior do Ceará devidamente contemplados, como é o caso de Pedro Felício Cavalcante e José Alves de Figueiredo.

Em termos cronológicos, nossa quarta antologia chama-se **Coletânea de poetas cearenses**, de 1952. Tem organização de Augusto Linhares e da Editora Minerva, do Rio de Janeiro.

No prefácio do organizador está dito que "ao longo das estradas, os cegos esmolam, versejando, e agradecem também em trovas improvisadas". Só que essa poesia popular, das estradas, só aparece em três páginas: 285, 286 e 287, com uma quadra de José Alberto, um curto poema de Quesado e duas páginas de versos do Cego Aderaldo. Mesmo pouquíssima poesia popular, é essa a primeira antologia cearense a abrir espaço para esse tipo de poemas. Ainda no "Prefácio", Augusto Linhares faz ver que o tema das secas e dos retirantes ainda não é explorado pela poesia cearense. E acaba transcrevendo fragmento do poema "A fome no Ceará", de Guerra Junqueiro, também cita quadra de Euclides da Cunha, sobre o tema, bem como se refere ao texto "O povo cearense", de Viriato Correia.

Com relação ao critério de escolha dos textos, o organizador afirma que o próprio autor se encarregou de fazê-la. Só não explica a escolha dos textos dos já falecidos, nem o critério da escolha dos nomes a aparecerem no livro. Apenas afirma que alguns poetas forasteiros foram escolhidos depois de "naturalizados cearenses por terem dado a ardência do seu labor espiritual à nossa terra, prestígio e resplendor às nossas letras ..."

Essa antologia estampa em suas 298 páginas, 91 poetas cearenses com suas pequenas biografias e com textos que variam de um exemplar a doze. Não se pode omitir o fato de que o único autor que se apresenta com doze textos é o próprio organizador da coletânea. Isso prova que não há critério que resista às afetividades de organizadores de antologias, principalmente quando o próprio organizador é um dos autores catalogados. E no caso em pauta, não há talvez um só dos doze poemas de Augusto Linhares que mereça figurar numa antologia dos cem melhores poemas da literatura cearense.

O maior pecado dessa antologia, no entanto, é apresentar José de Alencar como poeta, através da abertura do texto de **Iracema**. Na Antologia, aparece um provável poema "Iracema" com versos sem metrificação e sem rima, carente de uma nota explicativa, quando se sabe que Alencar não deixou o texto com essa forma. E mesmo que alguém o fizesse, necessário seria conhecer as intenções do grande romancista, quando tentou inicialmente fazer de **Iracema** uma epopéia e ousou prescindir do decassílabo em benefício do alexandrino, sendo vítima, depois, da falta de talento para a grande empreitada. O outro prejudicado nessa antologia é Juvenal Galeno, cujos poemas apresentados não são seus

melhores textos. Mesmo assim, essa ainda é uma das melhores antologias da Literatura Cearense. Ainda que esquecendo alguns autores que já versejavam no Grupo Clã, poder-se-iam citar aqui dez antológicos poemas que ali aparecem: "Contraste" e "Verso e reverso", do Pe. Antônio Tomaz; "O rio Jaguaribe", de Demócrito Rocha; "Cabocla", de Jáder de Carvalho; "Ode à Língua Portuguesa" e "Soneto", de José Albano; "Mulata", de Martins d'Alvarez; "Carro de boi", de Otacílio de Azevedo; "Fortaleza", de Paula Ney; "Encontro das águas", de Quintino Cunha.

A quinta antologia da Literatura Cearense chama-se **Antologia Cearense**, organizada pela Academia Cearense de Letras e editada pela Imprensa Oficial em 1957. Traz de cara um longo prefácio de Raimundo Girão, intitulado "A cultura cearense", onde é feito um apanhado do que tem composto nosso movimento cultural nos séculos dezenove e vinte. Para isso são citadas as criações do Liceu, em 1845; do Seminário Episcopal, em 1864; do Colégio da Imaculada Conceição, na mesma época; da primeira livraria de Fortaleza, em 1849, pelo português Manuel Antônio da Rocha Júnior, que tanto vendia como alugava livros; da Biblioteca Pública, em 1876; da Padaria Espiritual; do Centro Literário; da Academia Cearense de Letras, da Faculdade de Direito, em 1903; do Centro Médico, em 1913; da Faculdade de Farmácia e Odontologia, em 1916; da Escola de Agronomia, em 1918; do Colégio Militar, em 1919; da Casa de Juvenal Galeno, em 1919; do Grupo Clã, em 1942. Para a confecção dessa antologia, casou bem a idéia do jornalista Antônio de Pádua Campos, então diretor da Imprensa Oficial, com a organização de Raimundo Girão como presidente da Academia Cearense de Letras. Para o organizador, a tarefa

mais difícil foi estabelecer os critérios de escolha dos autores. Afinal, "deviam figurar na antologia os escritores não nascidos no Ceará, porém com ele identificados culturalmente, e doutra parte, aqueloutros que, cearenses, bem cedo se deslocavam para outros "habitats" e lá permaneceram, ou lá morreram"? [8]

Ao final, foram catalogados 102 autores por 420 páginas em que aparecem a foto e a biografia do escritor, além de um ou mais textos de sua autoria. Os autores são: Abelardo Montenegro, Adolfo Caminha, Alba Valdez, Albano Amora, Alfredo de Castro, Álvaro Bomílcar, Álvaro Martins, Aluísio Medeiros, Andrade Furtado, Antônio Bezerra, Antônio Sales, Antônio Tomás, Araripe Júnior, Artur Eduardo Benevides, Augusto Linhares, Azarias Sobreira, Beni Carvalho, Braga Montenegro, Cândida Galeno, Capistrano de Abreu, Carlos Cavalcanti, Carlos Gondim, Carlos Studart Filho, Carlos Sá, Carlyle Martins, Clóvis Beviláqua, Clóvis Monteiro, Cruz Filho, Demócrito Rocha, Djacir Menezes, Dolor Barreira, Domingos Olímpio, Eduardo Campos, Eduardo Girão, Epifânio Leite, Eurico Facó, Farias Brito, Faustino Nascimento, Fernandes Távora, Filgueiras Lima, Florival Seraine, Fran Martins, Franklin Távora, Gastão Justa, Gil Amora, Girão Barroso, Heloneida Studart, Henriqueta Galeno, Herman Lima, Hugo Catunda, Irineu Filho, Jáder de Carvalho, Joaquim Alves, Joaquim Catunda, Joaquim Pimenta, João Brígido, João Clímaco, João Jacques, Joel Linhares, José Albano, José Quinderé, Júlia Galeno, Júlio César da Fonseca, Júlio Maciel, Justiniano de Serpa, Juvenal Galeno, Leão de Vasconcelos, Leonardo Mota, Lívio Barreto, Mário da Silveira, Mário Linhares, Martins Filho, Martins d'Alvarez, Martinz de Aguiar, Matos Peixoto, Misael Gomes,

Monte Arrais, Moreira Campos, Mozart Monteiro, Mozar Pinto, Mozart Soriano Aderaldo, Oliveira Paiva, Oscar Lopes, Otacílio de Azevedo, Otávio Lobo, Pápi Júnior, Perboyre e Silva, Pompeu Sobrinho, Quintino Cunha, R. Magalhães Júnior, Raimundo Girão, Rachel de Queiroz, Renato Braga, Rocha Lima, Rodolfo Teófilo, Sabóia Ribeiro, Soares Bulcão, Stênio Lopes, Tomás Lopes e Tomás Pompeu.

Como se vê, das antologias da Literatura Cearense, essa é a que traz o maior número de autores . No entanto, não é esse o motivo que faz dela nossa melhor antologia, mas sim, o critério de escolha dos textos ali transcritos. Também merece destaque a capa de Floriano Teixeira.

1965 foi um ano em que foram produzidas duas antologias na Literatura Cearense. Uma delas é **Uma antologia do conto cearense**, editada pela Imprensa Universitária do Ceará. O livro é uma edição comemorativa do 10º aniversário de instalação da Universidade do Ceará e apresenta, em 220 páginas, os seguintes contistas: Artur Eduardo Benevides, Braga Montenegro, Eduardo Campos, Fran Martins, João Clímaco Bezerra, José Maia, Juarez Barroso, Lúcia Fernandes Martins, Margarida Sabóia de Carvalho, Milton Dias, Moreira Campos e Sinval Sá. Cada autor se apresenta com um conto, ilustrado por Nearco Araújo, que também confeccionou a capa do livro. Também acompanha o conto, uma breve biografia do autor. De novidade nessa antologia há a presença do poeta Artur Eduardo Benevides se apresentando como contista, da mesma forma que o critico literário Braga Montenegro também incursionando pela seara da história curta. De todos, o único desconhecido é José Maia, com quem pela primeira vez nos deparamos como escritor. No entanto, seu conto " O

estranho " está ao nível dos outros da antologia.

O ponto alto dessa antologia, entretanto, não fica por conta de nenhum conto apresentando, mas está visível no estudo introdutório elaborado por Braga Montenegro, com o titulo de "Evolução e natureza do conto cearense". Depois de se ler esse texto, tem-se certeza de que o valor do volume inteiro fica muito mais patenteado pela presença do estudo do crítico. Num trabalho de 35 páginas, Braga Montenegro apresenta todo um panorama do conto cearense, além de discorrer sobre técnicas de narrar histórias curtas. Começa suscitando a polêmica em torno da afirmação de que **Cinco Minutos** e a **A Viuvinha** são contos, havendo sido, então, José de Alencar, o primeiro contista cearense. Sabe-se que essas duas obras são duas narrativas cariocas sem nenhuma identificação com o Ceará e que José de Alencar faz parte da Literatura Cearense graças somente a **Iracema** e **O Sertanejo.**

Com relação à teoria do conto, aqui e acolá, Braga Montenegro sai da historiografia e adentra o campo das conceituações. Assim ele afirma que " o conto é simplesmente uma crise psicológica, um momento da transposição poética, ou ainda o desdobramento de reminiscências, sensações e imagens ligados por um fato único e inteiriço"[9]

De 1965 é também a **Antologia de poetas cearenses contemporâneos**, editada pela Imprensa Universitária do Ceará, com capa de Nearco Araújo. Essa coletânea foi editada em comemoração ao 10º aniversário de instalação da Universidade do Ceará, a partir da idéia do Reitor Antônio Martins Filho. Os poetas catalogados são quase todos pertencentes à geração de 45 e componentes do grupo Clã. Entretanto, os poemas apresentados vão desde os sonetos

clássicos à poesia concreta.

Apesar de haver um pequeno texto introdutório, não está escrito o nome de quem o elaborou, nem há referência ao organizador do livro, tampouco aos critérios de escolha dos textos e dos autores. Mesmo assim estão presentes nessa antologia: José Alcides Pinto, com alguns poemas, onde se destaca "O diabo espia de cócoras o pão que o pobre amassou"; Aluízio Medeiros, o grande destaque do livro, com poemas que impressionam pela metaforizarão e musicalidade; Antônio Girão Barroso, com algumas experiências concretistas; Artur Eduardo Benevides, trazendo entre outros, seu belo "O morto na praia"; Carlos d'Alge; Durval Aires; Francisco Carvalho, misturando versilibrismo com seu excelente soneto "A tecelã"; Iranildo Sampaio; Nertan Macedo; Otacílio Colares, um dos nossos maiores sonetistas, trazendo, entre outros, "Amigos".

Válida, essa antologia peca pela falta de um estudo introdutório sobre o panorama da nossa poesia, do mesmo nível do que fez Braga Montenegro com a antologia dos contos, naquela ocasião.

Uma das vantagens da organização de uma antologia é o aspecto didático de que ela se reveste. Tem-se em apenas um volume os melhores textos dos melhores autores e até seus dados biográficos. Essa vantagem no entanto se amplia quando a antologia é preparada já com um direcionamento didático. É o que acontece com duas antologias da Literatura Cearense: **Literatura Cearense** e **Terra da Luz**.

A antologia **Terra da Luz** é de 1966, organizada pela Secretaria de Educação e Cultura do Ceará e publicada pela Editora Monumento, de São Paulo. Sua edição foi possível graças ao apoio do Governador Virgílio Távora e do

então secretário de Educação e Cultura, Jáder de Figueiredo Correia. A seleção dos textos foi feita pelo Professor Artur Eduardo Benevides que também compôs a introdução e as notas bibliográficas.

Nessa coletânea há três momentos distintos. No primeiro, intitulado "Poetas Cearenses", aparecem, com poemas e com suas respectivas biografias, os seguintes poetas: José Albano, Juvenal Galeno, Pe. Antônio Tomás, Antônio Sales, Paula Ney, Quintino Cunha, Beni Carvalho, Demócrito Rocha, Mário Linhares, Filgueiras Lima, Cruz Filho, Júlio Maciel, Jáder de Carvalho, Martins d'Alvarez, Antônio Girão Barroso, Nertan Macedo, Otacílio Colares e Artur Eduardo Benevides. A segunda parte, bem mais ampla, é nominada de "Prosadores do Ceará". Aí aparecem fragmentos de romances, crônicas, contos, ensaios sobre História, Filosofia, Sociologia etc. Entre os nomes consagrados, aparecem ali: José de Alencar, Franklin Távora, Domingos Olímpio, Adolfo Caminha, Farias Brito, Oliveira Paiva, Araripe Júnior, Rodolfo Teófilo, Papi Júnior, Capistrano de Abreu, Gustavo Barroso, Leonardo Mota, Rachel de Queirós, Martins Filho, Herman Lima, Raimundo Girão, Moreira Campos, João Clímaco Bezerra, Fran Martins, Braga Montenegro e Eduardo Campos. Há, nessa parte da antologia, dois textos que impressionam, não pelos nomes que os subscrevem mas pelos conteúdos que eles encerram. Trata-se de: "Misticismo do Nordeste", de Joaquim Alves; e "O cangaço e o Fanatismo do Nordeste", de Djacir de Lima Menezes.

A terceira e última parte dessa antologia é a que traduz mais sentido didático. Ela se intitula, obviamente, "**Estudo de textos**". São nove textos conhecidos de nossa literatura, analisados pelos professores da UFC: Luiz Tavares Júnior,

Plínio Santiago de Sá Leitão e Antônio Pessoa Pereira. Fazem parte do estudo daqueles textos, vários exercícios para serem respondidos pelo aluno/leitor.

A outra coletânea de cunho didático sobre nossa arte literária é **Literatura Cearense**, de Sânzio de Azevedo, uma publicação da Academia Cearense de Letras, de 1976. Por ser a mais completa das nossas antologias, seria necessário o estabelecimento dos critérios da escolha dos autores, e é o que acontece logo no Prefácio, quando o autor esclarece a forma de contemplar cada um dos escolhidos.

1. *Autores nascidos aqui e que aqui produziram literariamente...*
2. *Autores nascidos noutros estados, mas que produziram literariamente entre nós ...*
3. *Autores que se ausentaram, mas ainda assim escreveram obras cearenses ...* [10]

Esse livro, de quase seiscentas páginas, traz a história da Literatura Cearense, seus grupos literários, seus autores significativos, com dados biográficos importantes, os principais textos e fragmentos de textos desses autores, e os comentários do autor sobre a obra dos selecionados. Elaborado nos mesmos moldes de **Literatura Brasileira Através dos Textos**, de Massaud Moisés, Sânzio de Azevedo acabou compondo a antologia cearense mais utilizada pelos cursos de Letras do Ceará, e por quem quer conhecer melhor a Literatura Cearense. Diante da grandiosidade dessa obra, não podemos deixar de encontrar pelo menos uma lacuna que poderia ter sido contemplada no livro. Trata-se da Literatura de Cordel tão presente na cultura do Ceará. Não há nenhuma referência acerca desse segmento da Literatura Cearense. Pelo menos Patativa do Assaré e Cego Aderaldo

podiam ser contemplados com a honra de aparecerem estampados na nossa melhor antologia literária, já que nas outras também não aparecem.

Há antologias que são ligadas a grupos literários, como é o caso das coletâneas organizadas por Carneiro Portela, com a produção do Clube dos Poetas Cearenses e a *Sinantologia* produto mais representativo do Grupo SIN, que efervesceu no final dos anos sessenta. A *Sinantologia* foi editada em 1968, através da Imprensa Universitária do Ceará. Traz capa de Alberon e é oferecida a B. de Paiva, Eusélio Oliveira e Anselmo Frazão. Nas suas 120 páginas desfilam os nomes de Barros Pinho, Horácio Dídimo, Inês Figueiredo, José Leão Júnior, Lêda Maria, Linhares Filho, Pedro Lira, Roberto Pontes, Rogério Bessa e Rogério Franklin. Esses autores eram quase todos alunos de Letras ou Direito, na Universidade Federal do Ceará. Vasculhando a obra, observam-se como bons poemas "Domingo", "Terrificante", "Tédio", "Pesadelo", "Convergência", "Solidão" e "Dimensão da Rua", de Barros Pinho; "Encruzilhada", "Afinal", "As doces meninas de outrora", "O homem na cadeira de balanço" e "Sol", de Horácio Dildimo; "A minha mãe, Habitante da morte" e "Embalo ao recém-nascido", de Linhares Filho. Além disso há alguns admiráveis jogos onomatopéicos de Roberto Pontes e boas aliterações de Rogério Bessa. Fica evidente, que se essa antologia fosse composta agora, esses autores estariam representados todos, por poemas diferentes e logicamente bem melhores, já que todos evoluíram esteticamente ao longo de quase três décadas que nos separam daquele difícil e marcante ano de 1968.

Foi por isso que, ao completar vinte e cinco anos de fundação, o Grupo SIN foi homenageado com uma edição

inteira da Revista de Letras da Universidade Federal do Ceará, dedicada exclusivamente a ele.

É o volume 15 nº 1/8 de Janeiro de 1990 a dezembro de 1993. Organizada pelo poeta Roberto Pontes, esse número da Revista de Letras é uma comprovação de que os componentes do grupo SIN progrediram bastante, esteticamente.

O organizador se esmerou em colocar parte da fortuna crítica de cada autor, e acrescentou dois novos autores: Barroso Gomes e Sânzio de Azevedo. Esse acréscimo enriqueceu a Revista/antologia. Mas, como nem tudo é completo, a falha existe na imperdoável ausência de Inês Figueiredo. Presente na Antologia de 68 e ausente agora, quando se sabe que essa autora continua produzindo, haja vista que ganhou recentemente o Prêmio Estado do Ceará, na categoria contos, e faz parte no momento do grupo Plural, atuante e produtivo através da revista "Espiral". O mesmo caso é Ieda Estergilda, que tendo participado do grupo SIN não aparece em nenhuma das duas antologias.

O ano de 1996 tem sido pródigo em antologias. Pelo menos quatro delas já circulam entre nós. A que nos parece mais esteticamente consistente é **A poesia Cearense no Século XX**, da Fundação Cultural de Fortaleza em parceria com a Editora Imago. São 282 páginas de poesias onde desfilam 64 poetas que fizeram ou fazem poemas neste século, no Ceará. Do mais antigo, Juvenal Galeno, ao mais jovem, Cândido Rolim, todos têm, antecipando aos poemas, uma breve biografia. Criticada com veemência na imprensa local por um dos poetas presentes, Floriano Martins, essa antologia possui defeitos, mas também qualidades. Graficamente bem apresentada, a partir da capa de Audifax

Rios, o organizador não teve o devido cuidado de escolher, em alguns casos, os melhores poemas do poeta escolhido. Depois, não se justificam as ausências de Paula Ney e Patativa do Assaré, entre outros. Curioso é que essa antologia é a única da Literatura Cearense cujo organizador não é do Ceará. Se por um lado isso pode levar a um desconhecimento de alguns de nossos poetas, por outro, exime o autor de afetividades prejudiciais a uma escolha imparcial.

Além dessa antologia, há as duas lançadas pela Editora Maltese, em parceria com o governo do Estado através da sua Secretaria de Cultura. Há um volume só de poesias intitulado **O talento cearense em poesia**, e um só de contos chamado **O talento cearense em contos**. Ambos foram organizados pela escritora Joyce Cavalcante ao arrepio do tempo, para serem lançados na Febralivro que acontecia em Fortaleza. Essa pressa prejudicou bastante as duas antologias onde escritores estão lado a lado com autores que ainda não alçaram o vôo da literariedade em seus textos.

A mais nova antologia de que dispomos é a **Antologia Literária UECE**. Organizada por Cândido B.C.Neto, ela traz trabalhos de 32 autores, entre professores, alunos, ex-alunos, funcionários da UECE e mais alguns convidados. É uma mistura de poemas, contos e tentativas de. Afinal, nem todos os textos dessa antologia podem ser considerados literários, por falta do básico, ou seja, a literariedade.

Vale a leitura do livro, por conta de alguns poemas de Alexandre Barbalho, B. C. Neto, Beatriz Alcântara, Calé Alencar, Fernanda Luz Benevides, Guaracy Rodrigues, Jackson Sampaio, Marise de Almeida, Oswald Barroso e Rita de Cássia Barbosa Paiva Magalhães, cujo nome bem grande coincide com o tamanho da poeticidade dos poemas.

Essa autora representa o que há de melhor no livro.

Entre os contistas, merecem ser lidos os trabalhos de Lena Omundsen e Heloísa Barros Leal. Agora, merecem mesmo ser relidos os textos do José Lemos Monteiro e Pedro Rodrigues Salgueiro. Esses dois são bons contistas. O resto da antologia é composta de textos que pecam por não alçarem o vôo da literariedade. O tempo, no entanto, encarregar-se-á de comprovar se o esforço dessas outras pessoas em publicar-se foi realmente compensador, já que dos 32 catalogados, apenas citamos 14 como autores de bons textos.

Entre os pecados dessa antologia estão a falta de um estudo introdutório onde se esclareçam os critérios de escolha dos autores e seus textos, bem como uma relação das publicações anteriores da Ed. UECE.

Além dessas antologias, apareceram ao longo desses anos algumas coletâneas de menor quilate, mas que têm contribuído para enriquecer dentro dos seus limites, a nossa Literatura. Assim, ao longo da sua existência, o Clube dos Poetas Cearenses produziu algumas antologias, que já apresentam nomes que hoje se destacam na Literatura Cearense. Também não se podem esquecer coletâneas literárias organizadas pelos médicos escritores do Ceará.

Finalmente, não se pode deixar de citar aqui duas interessantes antologias organizadas pelo Professor Artur Eduardo Benevides.

Primeiramente, a sua **Antologia Cearense dos Poetas bissextos**, depois, o seu **Cancioneiro da cidade de Fortaleza**, onde só o texto de abertura do Professor Artur já representa um dos mais belos cantos de amor à Capital cearense.

Feito esse breve balanço das nossas antologias, fica a certeza de que todas elas, de forma mais ou menos acentuada, têm a sua importância. Afinal, é difícil encontrar um autor cearense que não tenha começado sua trajetória literária com a publicação de textos esparsos, e que o melhor veículo para esse tipo de publicação tem sido, sem dúvida, a antologia.

N 0 T A S

1. FERREIRA, A.B.H. (1977) P. 107.
2. LIMA, B. de. (1983) Caderno DN Cultura, P. 03.
3. CAMPOS, S. (1922).
4. PRADO, A. (1922) P. 08.
5. Ibidem, P. 10.
6. LINHARES, A. (1952) P. 05.
7. Ibidem, P.
8. GIRÃO, R. (1957) P. XXI.
9. MONTENEGRO, B. (1965) P. 27
10. AZEVEDO, S. (1976) P. 15.

BIBLIOGRAFIA

1. AZEVEDO, Sânzio de. **Literatura Cearense.** Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.
2. CAMPOS, Salles. **A Poesia cearense no centenário.** Fortaleza: Tip. Moderna, 1922.
3. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
4. GIRÃO, Raimundo. **Antologia cearense.** Fortaleza: Imprensa Oficial, 1957.
5. LIMA, Batista de. "A Novíssima literatura cearense". In: **Diário do Nordeste.** Fortaleza: 4/12/1983.
6. LINHARES, Augusto. **Coletânea de poetas cearenses.** Rio de Janeiro: Ed. Minerva, 1952.
7. MONTENEGRO, Braga. **Uma Antologia do conto cearense.** Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.
8. PRADO, Aldo. **Os Novos do Ceará, no primeiro centenário da independência do Brasil.** Fortaleza: Tip. Comercial, 1922.

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
BIBLIOTECA CENTRAL

2. Carta de Sânzio de Azevedo

Fortaleza, 12 de janeiro, 97

Meu caro Batista de Lima,

Recebi sua conferência sobre as antologias cearenses. É um trabalho interessante, e de modo geral está bom, mas gostaria de fazer algumas observações, que o mestre Dolor chamaria de "achegas ou adminículos", e vou por partes:

1. Em primeiro lugar, creio que V. repete um equívoco que vem dos primeiros tempos do Modernismo, e que nem o trabalho de Manuel Bandeira, de Péricles Eugênio da Silva Ramos, de Wilson Martins e outros conseguiu alijar de nossa crítica: a idéia de que ser parnasiano é ser antipoético. Ao falar d'A POESIA CEARENSE NO CENTENÁRIO (1922), de Sales Campos, V. diz, com razão, que a "maioria dos poemas são sonetos parnasianos, com nítidas preocupações formais em detrimento de outras qualidades literárias", e ressalva que "há momentos de exuberante poesia nos textos de José Albano" até aí tudo bem. Mas eu, que já exaltei José Albano mais de uma vez, vejo momentos de exuberante poesia em vários textos rigorosamente parnasianos, como, v. g., "Nereida" e "Os Braços de Vênus", de Antônio Sales; em "Cena Marinha" e "Pomo de Asfaltite", de Alf. Castro; em "A Colmeia" e "A Cabeça de São João" (com notas também simbolistas), de Antônio Furtado; em "Sugestão de Beethoven." (também com notas de Simbolismo) e "A Canção da Cigarra", de Cruz Filho; em "Noturno" (idem) e "As Ondas", de Carlos Gondim; e sobretudo em "Jacarecanga", "O Relógio", "Verde" e "Os Grous", todos de Júlio Maciel. Citaria ainda o "Carro de Bois", de Otacílio de Azevedo, embora aí

eu seja suspeito...

Quanto aos quatro últimos, concordo com V. ("de quem pouco se aproveita"), mas incluiria o anterior ao primeiro: Rodolfo Teófilo, Rodrigues de Andrade, Soares Bulcão, Sabóia Ribeiro e Sales Campos. Mas, do R. de Andrade eu salvaria "Visão Azul" (a meu ver melhor do que "O Rio", do Clóvis Monteiro); do Soares Bulcão, o último "Soneto", em redondilha maior, salva-se também. Mas *De gustibus non disputandum...*

E, quanto a gosto, V. destaca com a indicação "com bons sonetos" meu saudoso mestre e amigo Mário Linhares, e não faz com relação ao Júlio Maciel, ao Beni Carvalho e ao Antônio Sales, mestres do gênero na minha opinião.

2. Esta é apenas uma curiosidade: o prefácio d'OS NOVOS DO CEARÁ NO PRIMEIRO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL (título tão longo quão fraca é a coletânea, da qual poucos se salvam), segundo me disse o Jáder de Carvalho, está assinado pelo Aldo Prado, mas quem o redigiu foi mesmo ele, Jáder. Além de ele mo haver dito, o estilo é bem o do autor de ALDEOTA...

A propósito, continuo sendo suspeito, mas o prefácio fala no "protecionismo oficial" e até meu amigo Edigar de Alencar andou falando em bajuladores, com relação à antologia do Sales Campos, mas posso garantir que meu Pai, que era um operário humilde, entrou na coletânea apenas pelo valor, reconhecido pelo Presidente do Estado, Justiniano de Serpa. No seu livro FORTALEZA DESCALÇA meu Pai conta que disse um soneto na presença do Serpa e ele perguntou ao Cruz Filho: "Quem é esse caboclinho?" Em seguida diz acreditar que deve a entrada na coletânea a isso, e conclui revelando: "Ouvi dizer que alguma má vontade

que havia contra mim, devido a minha modesta condição social, foi dissipada pela admiração que consegui despertar nesse homem extraordinário que foi Justiniano de Serpa". (p.61 da 2ª ed., de 1992)

3. Ao falar dos SONETOS CEARENSES (1938), do Hugo Vítor, diz V. com razão a meu ver que os poemas escolhidos nem sempre são os melhores. Faltou informar que o Hugo Vítor deve ter-se baseado claramente na famosa antologia SONETOS BRASILEIROS, de Laudelino Freire, que teve mais de duas edições. Também dou-lhe razão ao falar da falta do índice, mas V. deixou de dizer que os poetas estão em ordem alfabética.

Quanto ao fato de Martins Filho ser talvez o único vivo, andou bem V. em usar o talvez, porque há outro vivo, o Moacir Mota, filho do Leonardo Mota, que vive no Rio (o Moacir, claro!).

4. Ao falar da COLETÂNEA DE POETAS CEARENSES (1952), do Augusto Linhares, V. estranha o fato de o próprio organizador aparecer com 12 textos, mas não pesquisou com cuidado, para ver que aparece não só com 12, mas com 21! O Bóris Freire, que ele diz nascido dez anos depois dele é ele mesmo! Pode ler o verbete de qualquer dos livros organizados pelo Raimundo Girão, que lá está o pseudônimo e mais a autoria do livro DISCOS VOADORES...

O que V. também não observou foi que Sílvia Patrícia (p. 200ss), cujo nome real era Abiah Maria Lopes Ferreira, segundo Augusto Linhares "nasceu a 2 de novembro de 1895 no Distrito Federal. O tronco da sua família é, porem, cearense"! Estranho critério esse, não acha? Que entre numa coletânea cearense quem veio de fora e viveu aqui, tudo bem, mas incluir autor nascido noutro Estado, e que talvez

nunca haja posto os pés aqui pelo fato de a família ser cearense, é esquisito, não?

Sobre o fato de o antologista ter posto em versos trecho de IRACEMA, de José de Alencar, o Domingos Carvalho da Silva publicou no ESTADO DE S. PAULO de 20.11.1965 o artigo "A Poesia de Alencar", no qual fala da arrumação gráfica de Augusto Linhares e também dos versos (não muito bons, como se sabe) de Alencar.

5. Ao tratar da ANTOLOGIA CEARENSE (1ª série), da qual nunca saiu a segunda série (esta foi uma saída do organizador para o caso de se dar alguma omissão). E omissão é o que não falta: Antônio Furtado, Barbosa de Freitas, Mário de Andrade (do Norte), Sidney Neto (que era da Academia), X. de Castro, Lopes Filho e outros...

Você elogia o critério da escolha, mas penso que nela há dois pesos e duas medidas: figuram autores que vieram de fora (Rodolfo Teófilo, Alfredo de Castro, Papi Júnior, Demócrito Rocha), autores que nasceram e escreveram aqui, e também os que apenas nasceram aqui, como Franklin Távora, Oscar Lopes e Tomás Lopes, sendo que este último ao menos é autor da letra do Hino do Ceará.

6. UMA ANTOLOGIA DO CONTO CEARENSE traz uma excelente introdução de Braga Montenegro, mas isso não significa que ele seja o organizador ou autor da coletânea, mesmo porque a antologia é de 1965, e o ensaio do Braga havia sido publicado em 1951. Foi portanto aproveitado para o livro.

7. ANTOLOGIA DE POETAS CEARENSES CONTEPORÂNEOS, do mesmo ano, peca pela ausência, entre outros, de Jáder de Carvalho, que ainda iria escrever

poemas por vários anos. Era portanto um poeta contemporâneo e sua dicção era moderna.

8. TERRA DA LUZ é a única antologia cearense em que meu Pai não figura. Está sendo reestruturada por vários escritores, e nela vão entrar vários nomes que não figuram na primeira edição, como Lívio Barreto, Otacílio de Azevedo, Carlos Gondim, Mário da Silveira, Gerardo Mello Mourão, Abelardo Montenegro, João Jacques, Edigar de Alencar e vários outros.

9. LITERATURA CEARENSE. Digo-lhe sinceramente que fiquei sensibilizado com o destaque que V. dá a esse livro tão defeituoso. Mas ainda aqui quero fazer uns esclarecimentos: V. mesmo diz que eu segui os moldes das crestomatias do Massaud Moisés. Pois justamente por isso não poderia contemplar a poesia popular que, como V. sabe, não é somente nordestina (é rica a poesia popular do Rio Grande do Sul, para citar só esta). Por sinal, nenhuma coletânea nacional dedica páginas à poesia popular. Mas há três motivos principais para eu não haver contemplado nomes como os que V. cita (Patativa do Assaré e Cego Aderaldo):

A) A poesia popular é um mundo à parte: além de, só o caso da literatura de cordel compreender não só o Ceará, mas todo o Nordeste, tem peculiaridades que encheriam um livro inteiro ou mais. Se V. tomar conhecimento dos estudos do Raymond Cantel (ou do nosso colega Luiz Tavares Júnior), vai ver que a poesia popular merece muito mais do que um capítulo de livro.

B) Quando pensei em fazer uma apostila (que se transformou naquele tijolo) sobre Literatura Cearense, já havia no Curso de Letras a idéia de se criar uma disciplina dedicada à literatura popular (ou de cordel). Ora, tendo-se em vista o

caráter didático de meu trabalho, o que V. acentua, era natural que eu fizesse um livro para satisfazer às necessidades do programa, que evidentemente não comportaria a poesia popular.

C) Já disse que a poesia popular é um mundo à parte, mas não custa lembrar que só se fala hoje no Patativa do Assaré (talvez pela sua difusão global); V., justiça lhe seja feita, cita ainda o Cego Aderaldo. Mas a poesia popular, só no Ceará, é ainda o Bem-Te-Vi, o Cego Sinfrônio, o Jacó Passarinho, o Luís Dantas Quesado (e não Quesada,como V. grafou, seguindo o Augusto Linhares), nascido na Paraíba, Anselmo Vieira de Sousa, Pedro Bandeira, também nascido na Paraíba, e da minha idade, Moisés Matias de Moura (dos meus tempos de menino), e muitos, muitos mais...

Agora, voltando à minha LITERATURA CEARENSE, a falha que poderia ser apontada é a ausência de textos de Cordeiro de Andrade, de Gerardo Mello Mourão e de Caio Porfírio Carneiro. A razão? É que, mais de 20 anos atrás, eu não tinha textos desses autores, que por sinal estão citados no livro. E deve haver outras falhas, mas penso que essa da poesia popular, não. Sempre que, no início de um semestre de curso, um aluno perguntava por que não havia no livro o Patativa do Assaré, eu respondia que por que também não estavam todos esses nomes que mencionei...

10. SINANTOLOGIA, bem como a REVISTA DE LETRAS. Devo lhe dizer que, apesar de não ter sido do Grupo SIN (apesar de haver figurado, com o Barroso Gomes, na MINI-SINANTOLOGIA, anterior à de 1968, acompanhei toda a sua trajetória, e posso lhe dizer que Ieda Estergilda nunca foi do grupo. Pelo menos é o que me dizem os

componentes do SIN.

11. A POESIA CEARENSE NO SÉCULO XX. O Assis Brasil teve a ajuda pelo menos de dois cearenses, na escolha dos autores: eu, para os antigos, e o Dimas Macedo, para os atuais. Claro que ele não aceitou todas as sugestões de um ou de outro, e havia o problema do número de páginas. Mas, mesmo correndo o risco de ser linchado, não penso que seja grave a omissão de Paula Nei, um jornalista de talento, homem de muito espírito, que marcou época na boêmia do Rio, mas que deixou poucos sonetos, um dos quais, sobre Fortaleza, começa com versos muito bons, mas termina mal: "De alegria e beleza universais" Devo lembrar que ele não figura na minha LITERATURA CEARENSE.

Quanto à minha presença na antologia como poeta, isso foi idéia do organizador; disse-lhe mais de uma vez que não me considerava poeta para uma antologia daquelas...

12. Para terminar, acrescento que estranhei o fato de V. mais de uma vez lamentar a ausência de poetas populares em algumas coletâneas, e não citar a ANTOLOGIA DO FOLCLORE CEARENSE (1968), de Florival Seraine!

Amigo Batista, escrevi uma carta quase tão longa quanto seu trabalho. Mas, como lhe disse, quis apenas dar umas achegas. Claro que isso não significa que só vi falhas no seu estudo: é que as qualidades (uma das quais a própria escolha do tema) não necessitam mais de destaque. Estão todas claras,

Um grande abraço do amigo Sânzio de Azevedo

3. O Itinerário do Efebo no *Bom-Crioulo*

Bom-crioulo é o relato dos ritos por que passa o personagem Aleixo, até culminar com a sua imolação. Aleixo é o efebo. O efebo é o cordeiro do sacrifício. Antes porém de transitarmos essa trajetória do efebo é bom que se conheçam algumas circunstâncias que levaram Adolfo Caminha à criação desse romance.

Cearense, da cidade litorânea de Aracati, Adolfo Caminha aos dez anos perde a mãe e passa a residir no Rio de Janeiro, com um tio que o leva a matricular-se na Escola Naval, aos treze. Aos dezoito anos já é guarda-marinha e viaja pelas Antilhas e Estados Unidos para participar com a embarcação em que serve, de uma feira internacional de indústria naval. Dessa viagem resulta **No país dos ianques**, notas de viagem, editado em forma de livro. Logo em seguida retorna ao Ceará, como marinheiro, e participa ativamente da vida literária da cidade de Fortaleza, cenário do grande escândalo que provocou por ter se unido à mulher de um oficial do Exército. A partir de então, seu dia-a-dia na Marinha se complica e ele não perdoa a sociedade fortalezense que o discrimina. Em seu livro **A normalista** (1893), ele demonstra o preconceito provinciano da cidade. Também não perdoa a Marinha, ao denunciar a tortura e o homossexualismo através de **Bom-crioulo** (1895).

Bom-crioulo, romance naturalista, é uma história de paixão e morte entre Amaro, Aleixo e Carolina. O tema central é a relação homossexual entre Amaro (Bom-crioulo) e Aleixo. O autor porém não toma partido, não levanta nenhuma

bandeira. Com imparcialidade de cientista, nem é contra, nem a favor. "O narrador mantém-se naquela posição de frieza tão característica da estética naturalista". (CAMPEDELLI, 1983:7)

Narrativa de tema único, o homossexualismo, apresentada em terceira pessoa, **Bom-crioulo** é citado como primeiro romance em língua portuguesa a tratar desse tema, afirmativa com a qual não concorda Sânzio de Azevedo (1997:100) ao apresentar os livros **O Barão de Lavos**, de Abel Botelho, de 1891, e **Um Homem gasto**, de Ferreira Leal, de 1885, que anteriomente já trataram do mesmo assunto. Outra constatação do Professor Sânzio foi com relação ao tratamento ríspido com que a crítica brasileira tratou essa obra de Adolfo Caminha. Daí citar como inquisitoriais as críticas de: José Veríssimo, Valentim Magalhães, Antônio Sales, Lúcia Miguel Pereira e Valdemar Cavalcanti.

Diante disso, o que observamos é que desde a criação da obra, privilegia-se o personagem Amaro, a ponto do próprio título do livro ser seu apelido: **Bom-crioulo**. Parece que, propositadamente, o enfoque principal é centralizado na figura, pintada para ser horripilante, do negro marinheiro. Na nossa leitura, procuramos mudar o direcionamento desse enfoque ao distinguir o personagem Aleixo como verdadeiro referencial onde se incrustam as principais teses naturalistas presentes no corpo da obra. Para isso aludimos à sua performance, qualidades inerentes ao efebo, figura tão presente na antigüidade clássica e muito bem estudada por Foucault (1984:165), quando trata das preferências sexuais da elite da época.

Aleixo é pois um efebo apresentado no livro, na sua

atividade efêmera, como um cordeiro preparado para o sacrifício no altar das experiências naturalistas. Verdadeira cobaia de laboratório, ele passa por várias fases até chegar à indigência do corpo imolado no altar do sacrifício: o cais do porto do Rio de Janeiro. Poderia ficar nessa indigência se a obra literária, mesmo a naturalista, não tivesse na sua aura de subjetividade a capacidade de se instaurar no leitor, que se tornando co-autor da escritura, resgata o personagem do carneiro onde seria depositado como carcaça e o emancipa como átomo da sociedade atual, onde o homem é cordeiro para ser imolado no altar das inovações sociais. Aleixo, pois, passa por vários rituais ao longo do livro: A doação, pela família; a iniciação, pelo Bom-crioulo, a emancipação, por Carolina, a imolação, por Amaro, e a instauração, pelo leitor.

A doação

Filho de família pobre, de Santa Catarina, no final do século, o garoto tinha poucas perspectivas de vida. Naquele tempo, a alternativa de vida era o internato, em seminários, objetivando uma vida sacerdotal, vide **O ateneu**, de Raul Pompéia, ou a vida militar: Exército ou Marinha do Brasil, na segunda metade do século XIX. Não é surpresa pois que o personagem Aleixo fosse ingressar na Marinha, coincidentemente, mesmo destino que tomara o autor, no início da vida. Ao ir para a Marinha, a família como que doava o filho homem a um novo lar. Quando a família dá Aleixo à Marinha, "o tal grumete, o belo marinheiro de olhos azuis, que embarcara no Sul" (CAMINHA, 1983:21), essa Marinha aos poucos vai se tornando Amaro (o Bom-crioulo).

Amaro é a encarnação da Marinha: o poder da força, o preço da proteção e o carrasco final. A doação pois de Aleixo é ao Bom-crioulo, num segundo momento. Aí a Marinha perde seu poder, e é Bom-crioulo que vai dirigindo o destino de Aleixo, após se apaixonar pelo grumete, afinal, no primeiro encontro, "o pequeno, uma criança de quinze anos, abalava toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a logo, naquele mesmo instante como a força magnética de um imã". (CAMINHA, 1983:21)

Doado como o cordeiro para o sacrifício, Aleixo era retrato da submissão total, da fragilidade.

Aleixo só fazia responder timidamente: sim senhor - com um arzinho ingênuo de menino obediente, os olhos muito claros, de azul garço pontilhado, e os lábios grossos extremamente vermelhos. (CAMINHA, 1983:22)

Quanto ao negro, era o oposto, o mandonismo, o carrasco, a força. "Era uma massa bruta de músculos a serviço de um magnífico aparelho humano" (CAMINHA, 1983:22). Assim, estava Aleixo totalmente sob o controle de Bom-crioulo, a essas alturas muito mais senhor do grumete do que a própria Marinha. Estava preparado pois o caminho para a iniciação sexual.

A iniciação

O agente da iniciação do grumete é Amaro. O paciente é Aleixo. Mas é em Aleixo que se processa a iniciação. Essa iniciação é o preço pago pela proteção diante dos outros marujos. É também um redutor ainda mais radical do poder de arbítrio do personagem adolescente. Aleixo se reduz ao cordeiro levado ao sacrifício. Daí que ao se olhar no espelho,

presente de Bom-crioulo, ele se vê "uma cara de carneiro mocho". (CAMINHA, 1983:25)

A imagem desse "carneiro mocho" é retida nas poucas dimensões do espelho. Reter a imagem no pequeno espelho que Bom-crioulo lhe presenteara, é símbolo também da submissão. O retido se retém todas as manhãs ao se olhar e aprisionar sua imagem ao espelho, ou seja, ao Bom-crioulo. E quando Bom - crioulo avista Aleixo todo arrumado no convés, após o toillete, seu desejo de posse é "abraçar o pequeno, ali na presença da guarnição, devorá-lo de beijos, esmagá-lo de carícias debaixo de seu corpo". (CAMINHA, 1983:25) Atente-se para a submissão física também a que Aleixo já começa a se submeter e para a qual vai andando inapelavelmente. A relação pois que se delineia entre os dois é de total passividade por parte de Aleixo: o objeto do prazer de Amaro.

Bom-crioulo também cerceia a liberdade de Aleixo ao criar entre os dois uma rede de pequenos segredos, como por exemplo, seus planos de alugar às escondidas um casebre na Rua da Misericórdia. Aleixo é intimado pelo crioulo para guardar esse segredo. Guardar o segredo de alguém é guardar esse alguém.

A figura do efebo vai se estruturando paralela à do passivo cordeiro a ponto das duas se imbricarem numa só. E o autor se deixa trair nesse teor de coincidências quando trata a paixão de Amaro como um "forte desejo de macho torturado pela carnalidade grega". (CAMINHA, 1983:30) E para se consumar o ato sexual inicial entre os dois, o ritual da iniciação posto em prática ao longo dos dias veio à tona, antes da culminância. Afinal esse processo ocorre em Aleixo.

Viu passarem, como em sonho, as mil e uma promessas de Bom-Crioulo: o quartinho da Rua da Misericórdia no Rio de Janeiro, os teatros, os passeios .... lembrou-se do castigo que o negro sofrera por sua causa; mas não disse nada. Uma sensação de ventura infinita espalhava-se em todo o corpo. Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse - uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade... - Ande logo! murmurou apressadamente, voltando-se; e consumou-se o delito contra a natureza (CAMINHA, 1983:30).

Nessa passagem, fica claro que há algo de gratidão por parte de Aleixo por ter sido defendido por Amaro quando fora assediado inicialmente por outros marinheiros. Há também gratidão pelo tratamento recebido no pequeno compartimento da embarcação onde os dois eram instalados. E sua condição era tão passiva em tudo isso que o único bem talvez que ele tivesse a dar para agradecer a seu protetor fosse atender os íntimos desejos do negro. Atente-se também para a maneira como o autor encara a relação homossexual, o que comprova seu distanciamento dos fatos narrados.

A emancipação

Após o primeiro contato físico entre Bom-crioulo e Aleixo rompera-se a última trincheira de resistência do

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
BIBLIOTECA CENTRAL

grumete ao negro, através do qual se configura a conclusão de "que só no homem, no próprio homem, ele podia encontrar aquilo que debalde procurara nas mulheres". (CAMINHA, 1983:32) Esse pensamento de Bom-crioulo nos remete a outro pesonagem marinheiro, de **Cais, saudade em pedra**, de Moacir C. Lopes. Um tal de cabo Lemos que ao preferir também um João-Conguinho, espécie de Aleixo, naquela obra, afirma: "o único amor puro é o do homem pelo homem". (LOPES, 1973:58)

Esse idílio toma tanto a feição de posse que os dois terminaram coabitando num casebre do cais do porto. E é ali onde surge a figura de Carolina: portuguesa já madura, farta de carnes ainda rijas. É ela que aluga um dos seus quartos para os dois marinheiros instalarem um ninho de amor. Naquele quarto, Bom-Crioulo e Aleixo vivem momentos de carnalidade febril e fantasias luxuriosas, mas o destino lá fora trama contra esse enlace, separando os dois em navios diferentes, o que dificulta os encontros amiúde. A falta de encontro entre os dois não é falta para Aleixo, só para Amaro.

O grumete, na sua necessidade de dependência, na ausência de Bom-Crioulo, até chegou a pensar em procurar outro amante: "Podia encontrar algum homem de posição, de dinheiro: já estava acostumado àquilo..." (CAMINHA, 1983:43)

É aí que a presença de Carolina toma uma nova feição. Mulher de 38 anos, fogosa, via em Aleixo a execução da maternidade que nunca exercera, em primeiro lugar, depois, nele estava a excelência, em termos de amante.

Há dias metera-se na cabeça uma extravagância: conquistar Aleixo, o bonitinho, tomá-lo para si, tê-lo como amantezinho do

seu coração avelhantado e gasto, amigar-se com ele secretamente dando-lhe tudo quanto fosse preciso: roupa, calçados, almoço e jantar nos dias de folga - dando-lhe tudo enfim (Ibidem: 44).

Dá-se então a conquista. O grumete é conquistado pela prostituta. A relação amorosa entre os dois é de uma volúpia crescente. Aleixo experimenta um novo fenômeno na sua vida: a sensação do homem, do amante ativo. É essa passagem de passivo para ativo que provoca profundas transformações em Aleixo. Aleixo emancipa-se. E essa emancipação decorre da passagem de passivo, com Bom-crioulo, para ativo, com Carolina. Pela primeira vez na vida Aleixo se sente poderoso, dominador ou como afirma Foucault (1984:190):

a relação sexual - sempre pensada a partir do ato modelo da penetração e de uma polaridade que opõe atividade e passividade - é percebida como do mesmo tipo que a relação entre superior e inferior, aquele que domina e aquele que é dominado, o que submete e o que é submetido, o que vence e o que é vencido.

A imolação

Estava o grumete aos poucos se envolvendo com Carolina e se afastando da possibilidade de reaproximação

de Bom-crioulo. É tanto que as lembranças do período de conluio com Bom-crioulo eram verdadeiros pesadelos. Enquanto isso, o ciúme sentido por Bom-crioulo ampliou-se quando soube que Aleixo estava enrabichado por outra pessoa. Aleixo estava sendo bem tratado por Carolina, preparado para o sacrifício. "Tudo ela guardava para o seu formoso marinheiro: eram frutas, doces, comidas especiais, quitutes à portuguesa, isso, aquilo, aquilo outro..." (CAMINHA, 1983:65). O cordeiro estava em plena engorda para o sacrifício final. E o sacrificador / verdugo sendo preparado no seu ódio de abandono no hospital feito fera enjaulada. E no antigo leito de amor entre Aleixo e Amaro, na parede, a figura inquisitorial do Imperador: o poder punidor. Ali no retrato de D. Pedro II estava o poder político, o poder conservador e o alerta de que a punição viria. Ali estavam a própria marinha e as atribulações sofridas pelo autor.

A presença da figura do Imperador era a repressão, era o castigo sobre a transgressão dos três personagens, sendo o sacrifício maior desempenhado por Aleixo. E o altar era a pedra do porto do Rio de Janeiro lavada pela garoa da noite úmida. O horário, a manhã, quando as pessoas estão mais sensíveis aos impactos, já que saídas do sono acalentador. Abraão é o Imperador com o poder de sacrificar. E os três personagens todos são sacrificados. Bom-crioulo se mata ao matar Aleixo, anulando-se. Carolina morre ao perder sua última esperança de ter o filho, o amante e o companheiro ideal, aborta. Aleixo é o cordeiro. " Toma-se uma vaca de três anos, e uma cabra de três anos e um cordeiro de três anos ... "(BIBLIA SAGRADA, Ezequiel, 1.1, 1968:670).

A instauração

Aleixo incrusta-se como modelo nos outros personagens. Como cordeiro, Amaro também é vítima: ex-escravo, mesmo alforriado com o ingresso na Marinha, sua condição subalterna perdura por toda a vida e as chibatadas que leva no lombo o fazem cordeiro em sacrifício. Além do mais, perder Aleixo é imolá-lo, é imolar-se. O mesmo pode-se dizer de Carolina, prostituta, tendo que se entregar ao açougueiro, note-se a coincidência, para sobreviver. Depois é submetida ao sacrifício final, ao perder o único bem que dava sentido a sua vida: Aleixo, sinônimo de conquista, esperança e maternidade. E o autor como cordeiro instaura-se ao se submeter ao discurso para afirmar-se e contar a história dos maustratos na Marinha, que é sua própria história, a história do seu desassossego, do seu mal-estar, da sua condição de vivente de final de século. Nessa condição, "o novo sempre assusta" (Buemester, 1997:19), desassossega.

Isso acontece numa criatura vitima dos preconceitos sociais e do corporativismo de setores das Forças Armadas. Foi no entanto o próprio Adolfo Caminha que provocou a ira da sociedade fortalezense do final do século, ao se unir com Izabel Jataí, mulher de um oficial do Exército, e com ela desfilar pelas ruas da cidade ainda no calor dos comentários.

A sociedade hipócrita da época o condenou e ele em resposta mostrou seu mal-estar, escrevendo **A Normalista** como denúncia dessa sociedade. Perseguido na Marinha, por conta de sua união amorosa, escreveu **Bom-crioulo**, e denunciou a tortura e o homossexualismo na Armada. Além de condenado pela Corporação, também o foi pela crítica

brasileira até recentes dias. Esses fatos tornaram **Bom-crioulo**, o livro símbolo do desassossego na Literatura Cearense e quiçá brasileira.

É no entanto no leitor onde se reverbera mais pungente o destino de Aleixo; porque cada um tem seus momentos de cordeiro levado ao sacrifício pelos mecanismos sociais a que tem de se submeter. Os grandes aglomerados humanos da atualidade nada mais são do que altares para imolações e a simbologia das ruas repletas de pessoas como cordeiros em corredores, silenciosos em direção a um sacrifício, instauram em qualquer época a condição humana cordeira e ordeira.

Essa condição humana, fruto da "*ratio*" a que a modernidade condicionou o homem é uma das provocadoras do mal-estar do fim do século. A grande dúvida é nos lançarmos no novo milênio racionais ou irracionais. O mal-estar é a grande dúvida que faz do ser humano um indeciso diante de um futuro dicotomizado. Por outro lado, de que valeria a vida sem os seus desassossegos, sem as suas dúvidas, sem as suas dicotomias, sem a sua subjetividade?

Bibliografia

1. AZEVEDO, Sânzio de. **Adolfo Caminha, vida e obra.** Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1997.
2. **BIBLIA Sagrada**. Trad. Padre Antônio Pereira de Figueiredo, Rio de Janeiro: Barsa, 1968.
3. BURMESTER, Ana Maria. " Mal-estar e fim do século:

uma relação necessária?" In: **O mal-estar no fim do Século XX:** Seminário Interdisciplina Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 1997.
4. CAMINHA, Adolfo. **Bom-crioulo**. São Paulo: Ática, 1983.
5. CAMPEDELLI, Samira Woussef. "Uma Moderna História sobre a Paixão". (Pref.) **Bom-crioulo**. São Paulo: Atica, 1983.
6. FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2, o uso dos prazeres**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
7. LOPES, Moacir Costa. **Cais, saudade em pedra**. Brasília: INL, 1973.

4. As características da escritura de Moreira Campos

A obra em prosa, de Moreira Campos, compõe-se de 140 contos distribuídos por seis livros, afora as reedições por coletâneas. Esse patrimônio literário foi elaborado do final dos anos quarenta até nossos dias, perfazendo quatro décadas de boa literatura, donde se sobressaem uma forte carga erótica, um velado apelo social e um estilo bem particular.

O autor, através desse particular estilo, transita com mestria entre momentos impressionistas, neo-realistas e convivência dos circunstantes com o moribundo. O que marca, no entanto, seu estilo, é o conjunto das características de sua obra, que são bem particulares.

As principais características da narrativa de Moreira Campos são: uma tendência para o uso de elementos descritivos em paralelo aos narrativos; os vazios deixados para serem preenchidos pelo leitor; a eliminação de comentários e interpretações paralelas; a quase ausência de diálogos; a atuação do tempo como elemento corrosivo sobre as personagens; o uso das repetições como forma de superação das dificuldades de relacionamento entre as diferentes classes de pessoas; a ironia; a luta pela concisão.

Essa luta pela concisão leva a uma redução lingüística que faz com que dos contos iniciais com mais de dez páginas ele chegue a duas páginas, nos mais recentes textos. Essa redução do tamanho dos contos não corresponde a uma redução sintagmática. A frase em Moreira Campos não sofreu alterações no decorrer do tempo. Um dos elementos que

sofreu certa modificação foi o tratamento pronominal, pois se observa ao longo desses anos, uma substituição gradual da 1ª pessoa, utilizada abundantemente nos primeiros livros, pela 3ª pessoa que vem sendo utilizada nos últimos. Essa modificação, que é uma forma de conseguir o universalismo, ocorre paralelamente à eliminação crescente dos nomes dos personagens e à descrição dos mesmos como forma de identificar a fala dos descritos. Só que, para reforçar nosso ponto de vista, nessa descrição, os caracteres são de tipos universais.

Com relação ao tempo cronológico, é fundamental se observar a farta utilização do relógio que está presente 46 vezes em sua obra e que sintomaticamente vai aparecendo de forma crescente ao longo dos livros como a indicar que à proporção que o próprio autor vai envelhecendo, mais a preocupação com o tempo cronológico vai sendo embutida na sua arte. O relógio, que aparece nas paredes das casas, nas torres das igrejas, nas algibeiras e nos pulsos dos personagens, faz-se presente quatro vezes em **Vidas marginais**, uma vez em **Portas fechadas**, seis vezes em **As vozes do morto**, oito vezes em **O puxador de terços**, onze vezes em **Os doze parafusos**, dezesseis vezes em **A grande mosca no copo de leite**. Esse relógio que marca as horas também simboliza o tempo corrosivo que se abate sobre os elementos da narrativa. É pois o relógio uma das ambigüidades da escritura do contista.

Essas ambigüidades em Moreira Campos são representadas principalmente por metáforas e metonímias. As metáforas aparecem mais no princípio e no final dos contos. No princípio, elas seqüestram o leitor pela curiosidade que despertam; no final, provocam uma abertura através de

vazios que o leitor passa a preencher a seu modo. As metonímias são utilizadas nas citações de partes do corpo, vestuário, objetos pessoais e partes da casa. A parte do corpo mais citada é o dedo. Na obra inteira há 351 vezes em que a palavra "dedo" aparece, o que leva a uma média de duas vezes por conto. E a principal conotação dessa parte do corpo é a erótica. No vestuário, o pijama é o elemento mais utilizado, e sempre associado à doença. Não há o pijama simplesmente associado ao bem-estar e ao repouso. O pijama geralmente veste o canceroso que é sempre masculino. Ainda simbolizando a destruição, apresenta-se a mosca, Numa pesquisa em 20 de seus contos, encontramos 30 vezes referências à mosca como agente vivo ligado à destruição. É tanto que o autor chegou a utilizá-la em títulos de suas obras como: "A Mosca, a pasta e os sapatos", um conto; e **A Grande mosca no copo de leite**, que além de titular um conto, é também título de um livro.

Assim como acontece com a mosca e o pijama, as repetições aparecem nos momentos mais difíceis por que passa o personagem. Ao longo da obra há 55 expressões repetidas que chegam a um total de 157, assim distribuídas: **Vidas marginais,** 31; **Portas fechadas**, 18; **As vozes do morto**, 18; **O puxador de terços**, 53; **Os doze parafusos**, 32; **A grande mosca no copo de leite**, 23. A expressão mais repetida em toda a obra é " Me soltem que eu não tenho paciência de ser preso", que aparece 9 vezes em "O Preso", A repetição é uma forma de o preso tentar se comunicar de forma eficaz com aqueles que são responsáveis pela sua prisão. Todos esses ingredientes levam aos momentos mais identificadores na obra de Moreira Campos.

A culminância de sua lucidez pode ser atribuída à obra **O puxador de terços**. É nesse livro onde estão os principais momentos neo-naturalistas da obra inteira do autor. E como uma das características principais desse estilo é o determinismo, é bom se verificar que ele se apresenta sob a forma de falsa religiosidade, doença incurável, homossexualismo, adultério, loucura, prostituição, voyeurismo, tara sexual, decrepitude e assassinato. De tudo isso, no entanto, o que mais chama a atenção em Moreira Campos é sua constante intermediação entre os extremos, do tipo criação e destruição, utilizando recursos como a ironia e as repetições. Assim ele encurta as distâncias entre o poderoso e o desvalido, o homem (machista) e a mulher, o doente e o sadio, o agnóstico e o crente, a vida e a morte. Ao conseguir a aproximação desses pólos, o contista comprova uma enorme vocação humanizadora, o que contribui em muito para torná-lo um dos maiores narradores da atualidade.

Bibliografia

LIMA, Batista de. **Moreira Campos: a escritura da ordem e da desordem.** Fortaleza: Secretaria da cultura e Desporto do estado do Ceará, 1993.

TAVARES, Hênio. **Teoria Literária**. Belo horizonte: Bernardo Álvares, 1966.

Componentes das Edições Dezessete e Trinta

Ângela Julita Leitão de Carvalho
Domenico Battocchio
Helza Lanz
Batista de Lima
Preciliana Barreto de Morais
Regina Heloísa Maciel
Regina Lúcia Barros Leal da Silveira
Rosângela Maria Costa Fernandes
Rosendo Freitas Amorim
Sylvia Cavalcante

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
BIBLIOTECA CENTRAL

FUNDACAO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
BIBLIOTECA

COMPROVANTE DE EMPRESTIMO

Guarde o cupom de sua última devolução e/ou renovação.

O atraso na devolução gera multa.

Multa de acordo com o valor fixado pela FEQ/UNIFOR

L732l

Cod:48705Reg: 1121/2006

0112 1063

Batista de Lima é cearense de São José das Lavras da Mangabeira, onde nasceu em 1949, no sítio Taquari. Foi seminarista no Crato, de onde mudou-se para Fortaleza para ser aluno do Liceu do Ceará. Terminados os estudos secundários, ingressou na Universidade Estadual do Ceará onde cursou Letras e posteriormente Pedagogia. Em seguida, fez especialização em Teoria da Linguagem na Universidade de Fortaleza. Já na Universidade Federal do Ceará concluiu o mestrado em Literatura. Na vida profissional, abraçou o magistério como professor de Português, tendo lecionado nos colégios Casimiro de Abreu, Brasil, General Osório, Júlia Giffoni e Colégio Militar. Leciona atualmente na Universidade de Fortaleza, onde foi Chefe do Departamento de Letras e, em seguida, Diretor do Centro de Ciências Humanas. Sua vida literária teve início no Clube dos Poetas Cearenses, tendo participado de todas as antologias lançadas por aquele grupo de poetas. Participou ainda do grupo Siriará de Literatura, do Grupo Arsenal, de o Catolé e do Grupo Plural. Seu primeiro livro de poesias, **Miranças**, veio a público em 1977, vindo em seguida **Os viventes da Serra Negra**, em 1981, **Engenho**, em 1984; em 1993 foi a vez de **Os vazios repletos**, ensaios literários, e de **Moreira Campos, a escritura da ordem e da desordem;** em 1995, **Janeiro da Encarnação** e **O pescador de Tabocal**, em 1997. Batista de Lima é membro da Academia Cearense da Língua Portuguesa, onde foi Secretário e 2º Secretário, e da Academia Cearense de Letras.

HotPrint
Editoração e Serviços Gráficos de Marketing
(085) 267-2788